



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



## UM SONHO

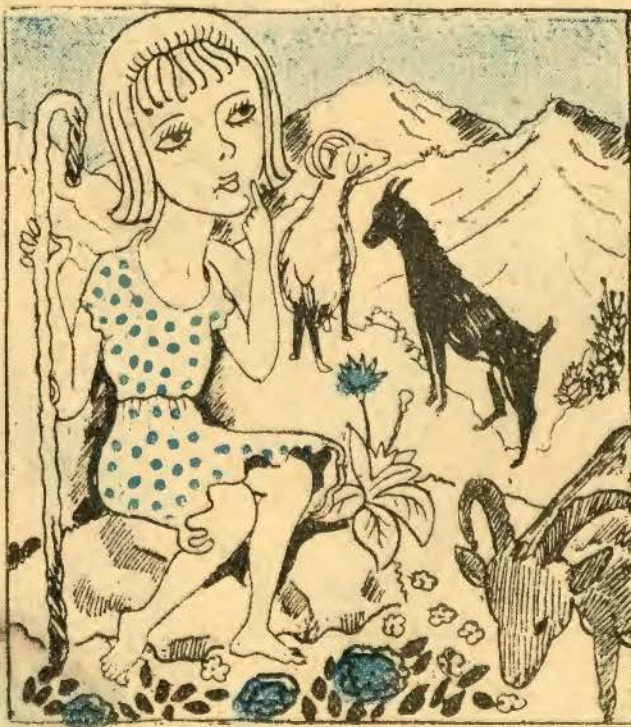
Por TOUTINEGRA

Desenhos de CASTANÉ

**M**ARIA Tereza é muito infeliz! Orfã de pai, vê-se na necessidade de trabalhar para ajudar sua mãe, muito pobrezinha. Mas não é só esta a sua infelicidade; é aleijadinha de uma perna e é com imenso custo que se arrasta por montes e vales, atrás das cabrinhas de que é guardadora.

A's vezes, quando imensamente cansada se deita, recorda as meninas que, tendo 10 anos como ela mas tendo o pai vivo, passam os dias a brincar ou na escola. Era principalmente isso o que mais a seduzia.

—Como deve ser bom, —(dizia)— estar ali, sentadinha, sossegada, a



ouvir coisas lindas que dizem os livros, a aprender a ler, sem precisar de pedir á Luzia costureira que me leia as lindas histórias do Pim Pam Pum! Mas não podia ser! Tinha que trabalhar. E essas meninas, a quem Deus fadara com melhor sorte, riam-se dela!

A's vezes, ao domingo, a mãe, para que ela fôsse brincar um bocadinho, substitua-a junto das cabrinhas. E, então, ela tentava aproximar-se das outras garotas da sua idade, mas essas, geralmente, não a aceitavam nas suas brincadeiras ou, quando a consentiam, faziam-lhe ver sempre a sua inferioridade.

(Conclue na pág. 5)

# A DEDICAÇÃO DE RIGOLETO

A MADAME MONGIARDIM DA COSTA PARA LER A UM FILHINHO  
Por MARIA ALDA — Desenhos de CASTANÉ

**C**ARLOS Alberto ia para o colégio quando, num jardim próximo, notou que um grupo de rapazes, seus condiscipulos, estavam em grande alarido. O que será? pensou ele e dirigiu-se ao grupo. Viu que alguns dos rapazes se entretinham a agredir, com pedras e com as pastas, um pobre cão escanzelado e faminto, enquanto outros aplaudiam, em altos gritos, a má acção dos companheiros.

Carlitos, indignado, increpou os colegas e tomou a defesa do pobre animalzinho. Este, parecendo que o compreendera, aproximou-se d'ele, lambendo-lhe as mãos.

Carlitos sacou do farnel destinado ao seu lanche, e, ante o pasmo de uns e a vergonha de outros, deu-o ao cão, dirigindo-se, orgulhoso do seu acto, por entre as filas dos colegas, altivamente, para o colégio.

No dia seguinte, á mesma hora, por instinto ou por acaso, lá estava pouco mais ou menos no mesmo sítio, o cão-



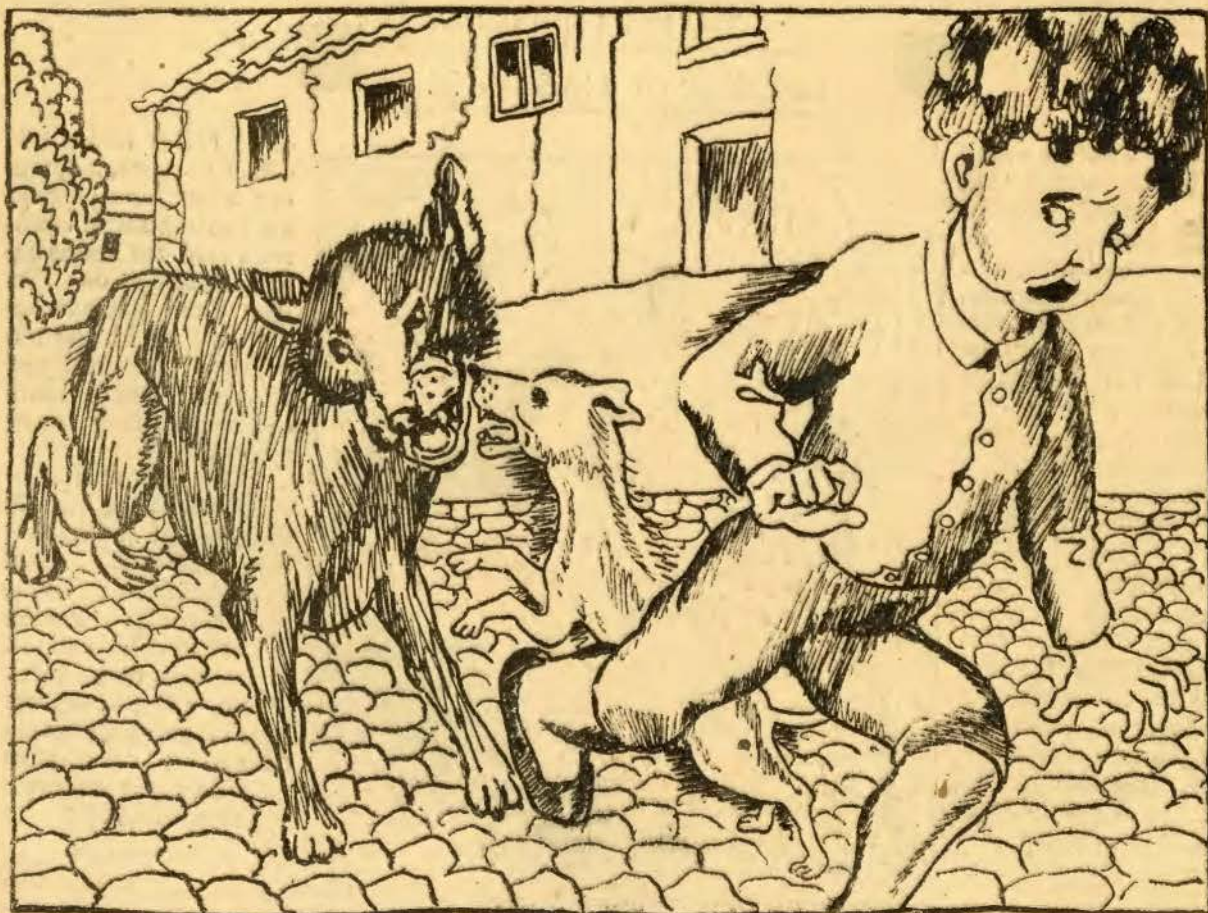
zito que, ainda a distância, reconhecendo Carlitos, correu para êle, manifestando a sua alegria com latidos e saltos em volta de Carlos.

Carlitos lembrou-se de um cão que, em tempos, tivera e que se chamava «Rigoletto» e resolveu dar o mesmo nome a este seu amigo.

Depois de acariciar o «Rigoletto», tornou a dar-lhe o seu farnel, facto que se repetiu em dias consecutivos.

Dava-se o caso que neste período, fóra dos seus hábitos, Carlitos, logo que chegava a casa, pedia de comer á mãe, o que por ela foi reparado, notando, ao mesmo tempo, que o petiz, a-pesar-dos seus novos hábitos e apetite, emagrecia a olhos vistos, o que a levou, depois de um longo interrogatório, a conseguir que Carlos lhe confessasse que há muitos dias não lanchava e os motivos porque o não fazia.

Não teve a mãe coragem para o repreender; antes o aplaudiu pela sua boa acção, fazendo-lhe, porém, notar que não tinha procedido bem, ocul-





# PARA OS MÉRITOS RECEITAREM

## D I A L O G O

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

**M**amãzinha, mamãzinha,  
inda agora, ao vir da escola,  
apanhei esta àvezinha  
que vou pôr numa gaiola!  
Repara... que engraçadinha!...

Que mal fez o passarinho  
para merecer a prisão?!  
Buscava, talvez, o pão  
para os filhitos que estão  
à sua espera no ninho.»

—«Tontinha, não sejas tola.  
Onde a achaste vai já pô-la!...  
Tem pena da inocentinha.

—«Perdôa! Sim; tens razão.  
Pronto. Zut...! Abre-te mão!  
Vai-te, vai-te, passarinho!...»

tando-lha, (porque ás mães nada se deve ocultar), e determinando-lhe que levasse o cãozito para casa.

A êsse tempo já os colegas de Carlos, para o troçarem, lhe tinham posto a alcunha, que julgavam ofensiva, de «o menino do cão».

Carlos, contentíssimo, pelo oferecimento da mãe, que lhe permitia ter, em casa, já nesse dia, o seu amigo «Rigoletto», dirigia-se, cantarelando, para o colégio quando, correndo para êle, vertiginosamente, viu um enorme cão em atitude agressiva.

Apavorado, pôs-se a correr mas certamente não conseguiria evitar as mordeduras do cão, que corria mais do que êle e que estava prestes a alcançá-lo, se não fôsse a intervenção, rápida e eficaz, do «Rigoletto» que próximo estava e que desviou para si a agressão destinada a Carlos. Tratava-se, como depois se soube, de um cão raivoso que teria vitimado Carlitos se não o defendesse o «Rigoletto».

Este, que ficou muito molestado, foi sujeito a rigoroso tratamento, e é hoje um bonito cão, não lhe faltando os carinhos de Carlitos e de todos da casa dêle.

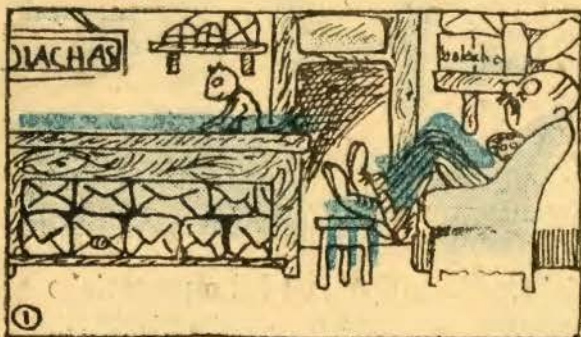
Depois disto nunca mais se atreveram os colegas a troçá-lo, antes o acolhem com carinho e respeito, não sendo raro vê-los darem também do seu farnel aos animais que encontram nas ruas.



F I M

# Segismundo Barnabé a contas com um jacaré

Por Arcindo Madeira



1 O Senhor Segismundo Barnabé tinha um armazem da célebre bolacha marca «Não presta», mas, coitado, por mais que fizesse não conseguia vender um pataco delas. Passavam-se meses e meses sem entrar um freguês, e, por isso, o Senhor Barnabé passava os dias a ressonar em si

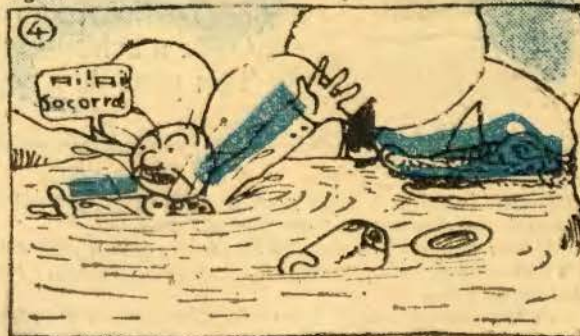


2 maior, que é um tom difícil, refastelado numa poltrona. Certo dia para se distrair foi passear para os lados do rio, com a sua malinha de couro amarelo e cantos dourados, mas com tanta infelicidade que, escorregando, caiu à água.



3 Gritou, barafustou, mas ninguém se resolvia a atirar-se porque estava a água muito fria. Nisto, aparece um jacaré enorme que meteria medo a uma dúzia de senhores Barnabés juntos.

O homemzinho ficou sem pinga de sangue. Ainda ten-



4 tou comover o bicho, dizendo que só tinha a pele e o osso, e cantando a Maria Cachucha, mas ele não se fiava em cantigas.

O senhor Barnabé, já muito aflito, disse como último recurso: — 'J' senhor jacaré, não me coma pela sua rica



5 saúde, que eu lhe darei um pacote da afamada bolacha «Não presta» para comer ao chá.

O jacaré, quando isto ouviu, tornou-se muito obsequioso, e disse: — E' um petisco que eu muito aprecio, V. Ex.<sup>a</sup> deseja ir para a praia? Monte no meu lombo,



6 Barnabé radiante, empoleirou-se em cima do bicho depois de apanhar a sua malinha de couro amarelo com cantos dourados e mais o seu palhinhas marca... não me vem agora à ideia... era qualquer coisa em ata, talvez Sucata... Bem, mas vamos cá á história do Barnabé.

# UM SONHO—(Continuado da página 1)

— Chegara-se o mês de Agosto. Amanhecia... Maria Tereza, já a pé, abria as portas do curral às suas cabrinhas. Estas, radiantes, vinham, aos pulos, lambem-lhe as mãos. O fumo, saindo das chaminés das casinhas da aldeia, envolvia tudo num véu muito azul, muito transparente. Maria Tereza, pegando no cêsto da comida e num pau com que mantinha as cabrinhas na ordem, partiu a caminho do monte

O dia estava de muito calor. Era meio dia; o gado, já farto, deitava-se á sombra das árvores.



Maria Tereza sentou-se e começou a comer o seu pão de milho com queijo. Ao longe, um carro, puxado por mansos boizinhos, chiava e uma cigarra, pousada algures, cantava ensurdecidamente.

Maria Tereza foi deixando cair a cabeça, lentamente até que a encostou ao tronco de uma árvore e, vendo voejar-lhe em volta uma borboleta azul, adormeceu.



Que extraordinário! A borboleta azul, crescendo, crescendo sempre, transformou-se numa fada muito linda, tão linda como essa que ela ouvira descrever numã das histórias que a mãe lhe contara e que, envolvendo-a nas suas asas azúis, a levou pelos ares. Atravessaram nuvens brancas como algodão em rama e, depois de terem voado muito, pararam junto de um palácio muito lindo, todo feito de ouro.

(Conclue na página 7)



Quando se apanhou em terra, entregou um grande pacotinho de bolachas «Não presta», ao bicho. A gatinha que presenciara esta scena, estava de boca aberta, e quando o senhor Barnabé contou a sua aventura, não lhes digo nada! Era gente e mais gente a comprar a cé-



lebre bolacha «Não presta» para apreciar o petisco do jacaré. E, daí em diante, o senhor Segismundo Barnabé, passou a ter uma freguesia dos diabos a ponto de ter que admitir um marçao! Vejam lá! E não eram másitas de todo as tais bolachas, apesar do nome.

# HISTORIA DUM SAPATEIRO POBRE

Por OLINDA MARIA CASQUINHA BORGES

Desenhos de CASTAÑE



A uma vez um sapateiro que se chamava João e tinha por alcunha o nome de «Catapum». Por isso toda a gente o conhecia por João Catapum.

Era casado e tinha muitos filhos. Vivia muito pobremente e, por infelicidade, tinha poucos freguezes. O pouco dinheiro que ganhava mal chegava para comerem, mas, por se verem tão pobres, não deixavam de cantar. Viviam ro-

deados de pobreza mas alegres.

Defronte d'ele, morava um ricoço que, reparando naquele viver, teve pelo sapateiro tal compaixão que, um certo dia, disse à sua esposa: — Ouve lá. Nós que temos tanta fortuna e não temos a quem a legar, porque não havemos de dar um sacco com dinheiro ao nosso vizinho sapateiro, que é tão pobrezinho e que nos tem tratado tão bem?!

— Pois sim, manda chamar o homemzinho e dá-lhe um sacco cheio de moedas.

O homem rico assim fez. Mandou-o chamar e disse-lhe:

— Tome, leve para sua casa este sacco de dinheiro que lhe dou eu.

O João Catapum agradeceu muito ao homem rico o di-

de barulho, de começar e recomeçar a contar sem nunca acabar, agarrou num pau e deu uma tarefa a cada um dos filhos, ouvindo se uma choradeira como nunca haviam feito quando tinham fome.

A mulher arreliada por ver o marido a bater nos filhos, começou a discutir com êle.



Enfim, parecia um inferno naquela casa. A conversa foi-se azedando, palavra puxa palavra, zangaram-se e, nessa noite, não pregaram olho.

O vizinho ricoço analisava tudo e não sabia explicar a si próprio a mudança que se tinha operado naquela casa.

Por fim, o sapateiro disse à mulher: — Sabes o que eu te digo? O dinheiro veio-nos roubar a alegria do nosso lar. E, em face disto, acho que o melhor é ir levar o dinheiro ao nosso vizinho e que nos deixe com a nossa pobreza que nos fazia amigos uns dos outros e muito felizes.

Assim fizeram e o sapateiro voltou para casa a trabalhar e a cantar, como de costume, e nunca mais se ouviu ralhar naquela casa.

— Mais vale ser pobre e alegre, que ser rico e viver sem gosto.



nheiro que este lhe dava, e levou o sacco, às costas, para casa.

A' noite, fechou-se em casa, com a mulher, a-fim-de-ambos contarem o dinheiro.

As crianças, porque andavam a brincar pela casa e faziam barulho, levaram-no a errar a conta, e o sapateiro, já farto



UM SONHO—(Conclusão)

Entraram. Lá dentro ainda era mais bonito! A fada azul mandou-a sentar numa cadeirinha estofada e fez correr uma cortina. Que maravilha! Em frente dos olhos de Maria Tereza passaram coisas lindas: Brinquedos dos que ela mais gostava, doces, livros lindos, que ela já sabia ler e muito mais coisas lindas. Fimdo isto, a fada pegou-lhe na mão e disse: — «Maria Tereza, não lamente a tua sorte! O aleijão que defeitua o teu corpo, nada vale perante a pureza e correcção da tua alma!

Continua a ser boa, a esquecer as ofensas que te fazem, a fazer todo o bem que possas e serás feliz. Quando morreres, virás habitar no meu palácio onde, tódos os dias, verás coisas lindas como as que há pouco viste.

.....  
Maria Tereza acordou. Levantou-se extonteada e viu sumir-se, por entre flores, a borboleta azul no seu primitivo tamanho. A tarde esmorecia; pegou no cesto e no páu, falou carinhosamente ás suas cabrinhas e voltou a caminho da aldeia.

.....  
Passaram-se anos. Maria Tereza é já velhinha. Sabe ler e é muito rica. No entanto a sua felicidade deve-a ao conselho da linda fada azul.

Foi, é e será sempre boa, e quando morrer conta ir habitar o lindo palácio da bondosa fada.

**FIM**

A D I V I N H A



Vejam se adivinham a idade d'êste menino.

PARA OS MENINOS COLORIREM



U m c a m a l e ã o

# DECEPÇÃO



D. Rosa Airada,  
que era professora  
mas desempregada,  
vai de visitinha  
à sua vizinha  
que é a D. Aurora.

Não porque a ralasse  
há muito não vê-la,  
embora a estimasse,  
mas o intuito dela  
é que a convidasse  
a jantar com ela.



Começam falando:  
— «Então como está?!»  
— «Nem sei desde quando  
que não vem por cá!...»  
E vão falazando...  
Mas que brouhá!

Acusa o Conselho  
que a expulsou da Escola,  
numa gritaria  
que nem grafonola  
ou um aparelho  
de telefonia.



D. Aurora, entanto,  
ausenta-se e vem,  
gentil e expedito,  
sentar-se a um canto,  
seu filho Zézito,  
revezar a Mãe.

Nisto, D. Rosa,  
já muito furiosa,  
com olhos em braza,  
pregunta, curiosa:  
— «A que horas jantam  
vós cá em casa?!»

Volve, então, Zézito,  
com muita piada,  
lépido e expedito:  
— «Assim que a senhora  
D. Rosa Airada  
se digne ir embora!»